

APRESENTAÇÃO



O Dossiê *O tempo e a forma: literatura e experiência histórica* é contemporâneo de uma época de particular turbulência. Foi costurado no transcorrer do acirramento da crise política brasileira e na emergência da maior crise sanitária desde a gripe espanhola. No dia de hoje, 19/01/2021, o Brasil conta 210299 mortos. Brasileiros que tiveram sua estadia na terra abreviada em razão de uma tragédia, uma tragédia? A tragédia é um gênero que tem o destino enquanto elemento estruturante, o herói trágico é o personagem que corre contra ele e o encontra em cada esquina. Não penso que a vida desses mais de duzentos mil brasileiros mortos estava nas mãos do destino.

Somos o país com a segunda maior mortandade em decorrência do vírus Covid-19, atrás apenas dos Estados Unidos da América. A Universidade brasileira, uma das grandes construções do nosso povo, comunicou

repetidamente acerca do imperativo do isolamento social, da ineficácia de medicamentos como a cloroquina. A ciência não recebeu escuta por parte do governo federal chefiado pelo presidente Jair Bolsonaro. Somos o segundo país do mundo com o maior número de mortos em razão do vírus Covid-19.

A literatura parece algo menor quando colocada frente ao presente. O país empobrece, a saúde naufraga e os arroubos autoritários multiplicam-se como erva daninha. Em um contexto de infinita necessidade do básico: alimento, segurança, um futuro... o texto literário ganha feições de algo supérfluo, mas não é.

A aposta em um país democrático, capaz de assegurar a participação de todos os brasileiros tanto nos órgãos decisórios do Estado quanto na socialização da riqueza

do país, tem a cultura como ponta de lança. Fora dessa liga sensível que nos enreda através dos sambas, romances, peças de teatro, duelos de mc e bailes funk não há país algum. É na constante reinvenção da língua literária que é o português brasileiro que vamos encontrar uma linguagem capaz de produzir um futuro que destoe do presente.

É com esse espírito que começo as apresentações pela poética, minha seção favorita da Em Tese. Contamos na presente edição com as ilustrações do artista plástico Keko Animal, pintor do fim do mundo, alguém sábio o bastante para mostrar em sua arte que o fim é uma promessa de novos começos. Sarah Guerra estreia com sua prosa ágil e certa. Douglas Ferreira também enquanto contista explora memória e luto em uma narrativa excelente. Luciana Pimenta aponta alguns caminhos

líricos tendo o “ser” enquanto questão e problema. Por fim, Rafael Silva nos brinda com uma logopeia que zigzagueia sobre o oco da palavra.

Dois entrevistados compõem o presente volume, a professora Ivete Walty e o professor João Adolfo Hansen. A partir de suas concepções a disciplina História da Literatura é tomada enquanto problema. Conjuntamente ao diálogo focado nesse tema, ambos os professores oferecem para os leitores algumas indagações acerca do lugar do ensino de literatura frente aos dilemas contemporâneos.

No Dossiê, o artigo “A negação do trabalho em *Leite Derramado*, de Chico Buarque” analisa como o romance analisado fomenta uma perspectiva crítica em relação ao modo de produção capitalista, principalmente em um





contexto periférico. O autor e a autora do trabalho, Alex Alves Fogal e Bárbara Del Rio Araújo, defendem que a obra não apenas ironiza uma classe sustentada pela exploração do trabalho alheio, como também estimula a reflexão sobre a fetichização da lógica do trabalho e das consciências no capitalismo atual. A pesquisa baseia-se em contribuições de autores como Karl Marx, Ricardo Antunes e Roberto Schwarz. O artigo “A cousa não foi assim, foi pior: seique, de Susana Sánchez Arins e a (des) memória da repressão franquista na Galiza” articula interessantes reflexões acerca da temática da memória na narrativa seique de Susana Sánchez Arins. A autora, Joyce Rodrigues Ferraz-infante, trabalha os elementos correlatos entre a experiência franquista e as estruturas formais do seu objeto de estudo. Luis Gustavo de Paiva Faria propõe uma discussão sobre a relação entre Torquato Neto e o contexto histórico da ditadura militar

a partir de uma análise da segunda versão de *Literato Cantabile* em seu ensaio “A reflexividade entre literatura e sociedade: uma discussão sobre Torquato Neto e seu tempo a partir de *Literato Cantabile*”. Luís Alberto dos Santos Paz Filho realiza em seu texto “Aspectos históricos na narrativa de Lúcio Cardoso: o caso de Maleita” uma análise da obra *Maleita*, do escritor Lúcio Cardoso, propondo uma acerca do fenômeno do hibridismo entre literatura e história. Vinícius Lourenço Linhares no ensaio “Escrever e rasurar, rasurar e escrever: considerações sobre a metanarratividade na escrita de *Carta à rainha louca*, de Maria Valéria Rezende” reflete a partir do romance *Carta à rainha louca*, de Maria Valéria Rezende, sobre a metanarratividade como estratégia responsável pelo deslocamento e questionamento do signo da loucura. Marcela Aires escreve sobre a escrita engajada do prosaísta, poeta, tradutor e Professor John

Keene no seu artigo “All art is political”: John Keene’s Black historical resistance in Counternarratives”. Teresa Espallargas propõe uma leitura de Diário de Bitita de Carolina de Jesus através do marco deleuziano da “literatura menor” em seu texto “Memórias de Carolina: revisão histórica e contestação política em Diário de Bitita (1982/86)”. Wemerson Felipe Gomes pensa o romance A Capital, de Avelino Fóscolo, através da análise dos afetos figurados no texto. Seu ensaio tem como título “Nostalgia, angústia e expectativa em A Capital, de Avelino Fóscolo”. Jeferson de Moraes Jacques propõe em seu texto “Setenta, de Henrique Schneider: tortura, trauma e transformações no texto ficcional” interessantes indagações acerca da forma literária na representação da violência. O pesquisador Filipe de Freitas Gonçalves propõe em seu ensaio “Uma leitura de Chico Buarque: a representação heterodiscursiva do Brasil em Meu Guri

(1981) e Essa Gente (2019)” um exercício de literatura comparada focando na obra do escritor e compositor Chico Buarque de Holanda seu olhar. Por fim, Júlia de Campos Lucena desenvolve em seu ensaio Vozes da memória: a supraliteratura Svetlana Aleksievitch” a relação entre literatura e memória através do “romance mosaico” de Svetlana Aleksievitch.

Na seção “Teoria, Crítica Literária e outras Artes e Mídias”, contamos com uma seleção muito rica e diversificada de contribuições. André Luís de Araújo oferece uma reflexão intitulada “A(s) ativista(s) da voz: Ana Cristina Cesar e a ‘tele-grafia’ de Avital Ronell”, onde coloca em diálogo a escrita e o pensamento dessas duas grandes autoras do século XX. O fio que guia sua proposta tem relação com as ideias de alteridade e conectividade, podendo ser compreendido sinteticamente a partir





da noção de tele-grafia. Já Luiz Philip Fávero Gasparete se volta para as escolas de samba e um debate em torno aos elementos épicos em algumas de suas mais emblemáticas apresentações. “Dois ou três desvios épicos” constitui uma reflexão crítica importante, sobre um objeto de estudo sem muita entrada nos currículos de Letras no Brasil, e se vale de um marco teórico robusto para oferecer uma contribuição contundente a essa área de estudos. Na sequência, Vítor Nogueira Alves e Vinícius Paulo Corrêa Almeida propõem um artigo intitulado “O grande teatro do mundo: globalização e cosmopolitismo em *O Dragão Dourado*, de Roland Schimmelpfennig”. Analisando uma peça de um dramaturgo alemão contemporâneo ainda pouco conhecido no Brasil, os autores não apenas promovem reflexões que ajudam a divulgar sua instigante obra em nosso país, mas oferecem uma perspectiva crítica sobre fenômenos atualíssimos: das

diferenças entre cosmopolitismo global e sua modalidade vernacular (segundo a conceptualização proposta por Homi Bhabha), sobressai desse artigo a denúncia das injustiças perpetradas por um sistema capitalista de alcance global. O ensaio “Três fotografias do abandono”, de Gustavo Augusto de Abreu Clevelares, parte da obra do fotojornalista Maurício Lima para construir uma reflexão que mescla literatura, fotografia e política diante dos temas que perpassam os sujeitos em trânsito de refúgio. Hêmille Raquel Santos Perdigão, em “Narrativas pintadas, pinturas narradas: a Caridade segundo Proust e Giotto”, também pensa a linguagem literária na produção de obras interartísticas. Nesse artigo, a Caridade pintada por Giotto é analisada em relação à construção alegórica que dela se apresenta na obra de Proust e à narrativa “Vida Nova”, de Dante Alighieri, a qual se supõe ser a base do afresco. Finalmente, contamos ainda

com a contribuição de Diana Navas e José Luiz Cordeiro Dias Tavares, “O livro que [r]existe: a confluência de gêneros como signo da contemporaneidade em *Livro* de José Luís Peixoto”. A partir de reflexões sobre a literatura portuguesa contemporânea e seu jogo com os vários gêneros literários e mesmo não literários — envolvendo a metaficção, a polifonia e a paródia, por exemplo —, esse artigo apresenta o romance de Peixoto e evidencia de que modo sua obra se insere e radicaliza certas tendências do cenário literário contemporâneo.

